

A JUSTAPOSIÇÃO E O MECANISMO DE JUNÇÃO "E" COMO INDÍCIO DA COMPLEXIDADE NA ESCRITA INFANTIL

JUXTAPOSITION AND THE "E" JUNCTION MECHANISM AS AN INDICATION OF THE COMPLEXITY IN CHILDREN'S WRITING

Paulo Alexandre Filho¹
Claudineia Peres Bertaglia²

RESUMO: Diante da complexidade dos fenômenos da linguagem escrita, este trabalho tem como objetivo analisar os mecanismos de junção (MJ) utilizados em textos narrativos e argumentativos, de escreventes do 6º ano, do Ensino Fundamental II e da rede pública, em duas escolas estaduais do interior do estado de São Paulo. Para tanto, fez-se uma revisão da literatura científica, amparada na Linguística Funcional, para fins de embasamento teórico que fornecesse os subsídios necessários para conduzir esta investigação. A metodologia empregada foi de natureza quanti-qualitativa, tendo como instrumento para coleta de dados os gêneros “conto de terror” e “artigo de opinião”, trabalhados durante as aulas de Língua Portuguesa, obedecendo a estratégias de encaminhamento e comandas específicas. A hipótese inicial é de que, diferentemente da simplicidade associada à escrita infantil, os escreventes partem de situações concretas de enunciação, pois, nessa idade, imprimem, na escrita, suas experiências com as tradições da oralidade típica do ambiente familiar. Nesse sentido, as análises quantitativa e qualitativa permitiram obter conclusões acerca das diferentes acepções de sentido, possíveis nos diferentes e diversos usos dos mecanismos de junção (MJ), corroborando a ideia preliminar de que as situações de escrita, atreladas a determinados gêneros, requerem dos escreventes diferentes tipos de articuladores linguísticos.

Palavras-chave: Narrativas; argumentação; mecanismos de junção.

ABSTRACT: In view of the complexity of the phenomena of written language, this paper aims to describe and analyze the junction mechanisms (JM) used in narrative and argumentative texts by sixth grade elementary school students in public schools, in two state schools in the interior of the state of São Paulo. For that, a review of the scientific literature was carried out, supported by Functional Linguistics, for the purpose of theoretical background that provide the necessary subsidies to conduct this investigation. The methodology employed has a quanti-qualitative nature, using the genre "horror tale" and "opinion article" as a tool for data collection, worked during Portuguese Language classes, obeying specific referral strategies and commands. The initial hypothesis is that, unlike the simplicity associated with children's writing, the writers start

¹ Doutorando em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP - Campus de Marília. Professor efetivo do Quadro de Magistério, na Secretaria Estadual de Educação - SP.

² Mestra em Letras pelo Programa de Mestrado Profissional - ProfLetras - UNESP, Campus de Assis. Professora de Educação Básica II de Língua Portuguesa, Coordenadora do Núcleo Pedagógico (PCNP), para o componente curricular de Língua Portuguesa na Diretoria de Ensino da Região de Adamantina, Estado de São Paulo.

from concrete enunciation situations, because, at that age, they print, in writing, their experiences with the traditions of orality typical of the family environment. In this sense, the quantitative and qualitative analyzes allowed us to reach conclusions about the different meanings of meaning, possible in the different and diverse uses of junction mechanisms (JM), corroborating the preliminary idea that writing situations, linked to certain genres, require from different types of linguistic articulators.

Keywords: Narratives; argumentation; junction mechanisms.

1 Introdução

Este artigo trata do uso dos mecanismos de junção (MJ) em situação concreta de comunicação escrita. Sendo assim, pretende-se investigar a presença desses elementos enquanto operadores discursivos que, inseridos no contexto de materialização da língua, permitem, não apenas articular estruturalmente uma ideia, como também demonstrar, por meio de sua frequência, o quão a relação entre gênero e MJ pode ser significativa nos contextos discursivos da língua.

O estudo a que se propõe este trabalho parte do legado teórico de que os MJ, inseridos em contextos discursivos de natureza oral ou escrita, proporcionam uma gama de realizações possíveis no que se refere ao processo de encadeamento lógico, semântico e cognitivo. Logo, podem ser tomados como fenômeno sintomático para análise, reflexão e compreensão de aspectos característicos do gênero trabalhado, tendo como base sua inserção no texto, segundo Kabatek (2005).

Para tanto, a pesquisa será subsidiada pelas teorias de Bally (1965), Halliday (1985), Hopper e Traugott (1993) e Raible (2001) no intuito de descrever, compreender e, ao mesmo tempo, atrelar o uso dos MJ a partir de sua realização nos gêneros discursivos. Ao partir do conceito de que a língua é material concreto e heterogêneo e se realiza em contextos de interdiscursividade, a relação que se procura estabelecer aqui considera que os fenômenos da linguagem precisam ser analisados a partir de situações reais de uso.

Uma análise tradicional não seria suficiente para a compreensão pretendida dos MJ enquanto operadores linguísticos, uma vez que o caráter estruturalista, em que as situações concretas de uso não são observadas, reduziria a compreensão do fenômeno em evidência. Desse modo, a observação dos MJ como forma de investigação do caráter semântico-pragmático em diferentes graus de complexidade e relacionados ao gênero, torna-se condição imprescindível para a realização deste trabalho com investigação de cunho funcionalista.

O presente artigo divide-se em quatro partes: (i) fundamentação teórica, em que serão elencadas e descritas as teorias que servirão de base para o desenvolvimento do estudo, (ii) material e metodologia, em que serão apresentadas a forma como o material de pesquisa foi coletado, como se implementaram as propostas de produção textual, bem como a metodologia de investigação, (iii) descrição e trato dos dados, em que serão expostos o levantamento, a quantificação e análise dos MJ utilizados nos gêneros “conto de terror” e “artigo de opinião e (iv) considerações finais, seção destinada à reflexão acerca das contribuições do estudo para os contextos de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no que se refere à relação entre gramática e produção textual escrita.

2 Fundamentação teórica

Enquanto fenômeno complexo e inerente às construções linguísticas, os MJ merecem um estudo acurado, tendo em vista sua presença nas mais diferentes formas de materialização da linguagem, sendo ela oral ou escrita. Sabe-se que, por um viés puramente sintático e estrutural, a gramática tradicional reduz e desarticula outros aspectos que, como constituintes do processo de fala e escrita, também necessitam ser estudados. Sendo assim, ao reconhecer a existência de outras relações no estudo do encadeamento entre as orações, busca-se, sobretudo, trazer à tona os elementos discursivos que circunscrevem os meios para o entrelaçamento oracional, não apenas do ponto de vista da estrutura, como também semântico.

Nesse sentido, faz parte das propostas funcionalistas questionar o corte rígido entre subordinação e coordenação, especialmente no tratamento das frases compostas e complexas, nas quais a relação entre as orações não é a de integração sintática, daquele tipo em que uma oração é subparte de outra estrutura oracional. (NEVES, 2010, p. 226)

Para tanto, entendemos que ao articularmos a este estudo teorias que comumente são descartadas pelas abordagens tradicionais, estaremos oportunizando outras formas para descrever, refletir e entender a linguagem. Dessa forma, a junção oracional, que pelo enfoque tradicional se articula apenas aos eixos de coordenação (independência sintática) e subordinação (dependência sintática), assume uma configuração mais abrangente.

Logo, diante das inúmeras possibilidades de análise dos MJ, buscamos embasamento em estudos que pudessem nos oferecer o aporte teórico necessário para subsidiar a busca por respostas referentes às análises aqui realizadas. Segundo Neves (1994), qualquer abordagem funcionalista tem como interesse básico a verificação de como os usuários de uma língua se comunicam de forma eficiente, colocando sob exame a competência comunicativa dos falantes/escreventes. Para a autora, “isso implica considerar as estruturas das expressões linguísticas como configurações de funções, sendo cada uma das funções vista como um diferente modo de significação na oração” (NEVES, 1994, p. 109).

Nesta fundamentação teórica, estabelecemos relação entre os critérios de Bally (1965), Halliday (1985), Hopper e Traugott (1993) e Raible (2001). Esses autores sustentam abordagens funcionalistas para a análise linguística, ou seja, levam em consideração, a partir de um viés, sobretudo, semântico-pragmático, o fenômeno linguístico da articulação oracional na constituição dos textos.

Para Bally (1988 apud LONGHIN-THOMAZI, 2004, p. 323), o conceito de oração está associado à possibilidade de divisão linguística, de modo que um segmento pode ser dividido em tema (ponto de partida) e propósito (aquilo que se acrescenta ao tema). Nessa teoria, conforme o nível de entrelaçamento, as orações podem se unir por meio da coordenação (unificação incipiente), segmentação (unificação relativa) e soldadura (unificação completa). Vale ressaltar que, para o autor, o tema é sempre retomado pelo propósito através de termos anafóricos. Nesse modelo, percebe-se o tratamento semântico-pragmático da combinação de orações a partir da língua falada, assim, a entoação é um termo de extrema importância nessa

perspectiva³. Também a relação de sentido, segundo o autor, é um critério relevante e, para nossa proposta, este é o critério mais relevante. Desse modo, mesmo que não haja marcas explícitas de conexão, o sentido que surge da colocação de dois enunciados lado a lado justifica essa combinação. De acordo com Longhin-Thomazi (2004), Bally traz uma contribuição original, diferente do modelo tradicional que distingue as combinações em coordenadas e subordinadas. Surge, com esse autor, uma nova noção de oração definida como um ato de enunciação completo e passível de bipartição.

Longhin-Thomazi (2004) faz uma exposição clara dos principais critérios que Bally reuniu para explicar as possibilidades de combinação. Assim, de acordo com a autora, temos: (i) dependência semântica, (ii) distinção tema/propósito, (iii) divisão em segmentos entoacionais, (iv) pausa; (v) referenciação anafórica e, por fim, (vi) oração como termo de outra.

O aspecto semântico também é evidenciado e colocado como elemento adjutor para fins de análise e compreensão por meio de Halliday (1985) que trata da noção de enunciado a partir do funcionalismo textual e discursivo presente no processo linguístico. O autor propõe uma “gramática do texto/discurso” na qual uma abordagem, principalmente semântica, sustenta a análise textual. Segundo ele, há correlação entre as funções da linguagem e a estrutura da oração, portanto as funções moldam o sistema.

As orações, para este autor, são realizadas a partir de três componentes semânticos: o *ideacional*, que abarca a representação das experiências e é formado por duas subfunções, a “experiencial” e a “lógica”. De acordo com Neves (1994), é por meio desse componente que os falantes e ouvintes incorporam na língua suas experiências dos fenômenos do mundo real. O *textual*, que diz respeito à ordenação dessas experiências no texto, referindo-se à organização interna da frase em seu significado como mensagem por si mesma e em relação ao contexto. E, por fim, o *interpessoal*, que envolve as trocas interativas da língua, servindo, segundo Neves (1994), para organizar e expressar tanto o mundo interno, quanto o mundo externo do indivíduo. Logo, cada oração é uma representação da experiência, uma mensagem e uma troca interativa, ao mesmo tempo.

No que se refere à junção de orações, Halliday e Hasan (1976 apud CARVALHO, 2004) propõem quatro tipos de unidades linguísticas que operam a junção entre os enunciados: aditiva (inclusive as alternativas), adversativa, causal (razão, propósito, consequência etc.) e temporal. Desse modo, para essas quatro propostas de mecanismos juntores, observa-se que as relações se constituem tanto no plano de conteúdo quanto no plano da argumentação. Neste, evidencia-se uma construção que articula uma teia argumentativa de modo a elencar ideias que embasam uma outra oração, servindo-lhe não apenas de construção enumerativa, mas, sobretudo, fornecendo-lhe suporte ideacional para fins de comprovação e/ ou justificação (função interacional). Ao passo que aquele, estabelece uma cadeia de ordem enumerativa como forma de organizar informações que se atrelam a uma ideia principal (função experiencial).

Na proposta de Halliday (1985), a relação entre orações se dá a partir do tipo de interdependência ou *taxe* e do tipo de relação de sentido. O sistema tático pode se desenvolver em *parataxe* (quando os elementos são de igual estatuto) ou *hipotaxe* (quando os elementos são de diferentes estatutos). O sistema lógico-semântico, por sua vez, se refere à relação entre os processos, desvinculada do modo de organização e de estruturação do enunciado e que se resolve através de relações com diferentes papéis semântico-funcionais de acordo com Neves

³ É importante ressaltar que os conceitos de fala e escrita não serão tomados como dicotômicos, considerando, assim, a heterogeneidade da escrita como fator que possibilita a adoção dessa perspectiva para análise de dados da escrita.

(2010). Além das relações presentes nos eixos táticos, Halliday classifica as relações presentes fora desse eixo, as relações de *encaixamento*. São aquelas que não compõem diretamente o enunciado, funcionando como um termo que constitui a frase, sem relação semântica com o enunciado como um todo.

As orações do eixo tático se articulam com relações de sentido que, por sua vez, distribuem-se em dois eixos: o da expansão e o da projeção. Como base para nossas análises, convém explicitar apenas o plano da expansão, uma vez que a projeção não faz parte do recorte analítico adotado neste trabalho. Dessa forma, o eixo da expansão se desdobra em conjuntos mais específicos, que são: elaboração (quando uma oração elabora, especifica, clarifica, detalha, explica ou refina o significado da outra ou de parte dela); extensão (quando uma oração amplia o significado da outra, acrescentando novas informações) e realce (quando uma oração realça o significado da outra, estabelecendo relação de tempo, causa, lugar, modo ou condição). Nesses pressupostos, Halliday (1985) entende que a hipotaxe é sim dependente de outra oração, contudo não se observa uma integração estrutural de modo a torná-la essencialmente parte de uma outra.

Próximo à distinção dos elementos da oração de Bally (tema e propósito), para Halliday (1985) interessa, quanto à articulação de orações, as estruturas que dão à oração um caráter de mensagem. Para ele, a oração é composta por uma estrutura temática, na qual é possível reconhecer um elemento dado, ou seja, um ponto de partida (o *tema*), e um elemento novo, uma extensão do tema (o *rema*).

Na definição de Halliday, o critério para reconhecimento do tema é, mais do que posição e entoação, a sua função. Por conseguinte, o tema é o elemento que organiza a oração como mensagem e, nessa perspectiva, os juntores são itens temáticos e indicam que o tema é um significado.

A visão sistêmica de Halliday ajuda a compreender, portanto, aquelas orações que se encaixam, na gramática tradicional, gramaticalmente como coordenadas e lógica ou psicologicamente como subordinadas, deixando um espaço para confusão ou ambiguidade. Dessa forma, as orações que abrem espaço para mais de uma classificação encontram, em Halliday, uma possibilidade semântica de análise que extingue essa ambiguidade.

Hopper & Traugott (1993) classificam a combinação de orações a partir da gramaticalização. Para os autores, as orações complexas podem ser mais ou menos gramaticalizadas. Portanto, eles propõem um *continuum*: a subordinação, que abarca dependência e encaixamento; a parataxe, que pressupõe a ausência de dependência e de encaixamento e, ainda, a hipotaxe, em que há dependência, mas ausência de encaixamento. Nessa abordagem teórica, as categorias tornam-se fluidas e graduais, representadas por meio desse *continuum*, de modo que não se trata apenas de substituir a concepção oracional bipartida (coordenação e subordinação) por uma tripartida.

Segundo os autores, essas características se ligam a uma representação icônica dos enunciados. Quanto maior o entrelaçamento estrutural das conexões, maior também o entrelaçamento das conexões semântico-pragmáticas. Logo, quanto mais integradas as orações, mais avançado é o processo de gramaticalização do enunciado.

Raible (2001) define a junção como princípio essencial para a atividade linguística. As junções, para ele, são classificadas a partir de cinco fundamentos básicos: (i) hierarquia sintática, que diz respeito aos graus de dependência e integração entre as unidades; (ii) dinamismo comunicativo, referente aos diferentes estatutos informacionais que as unidades articuladas podem ter; (iii) relações semânticas, que remetem à percepção das relações de complexidade

entre as partes; (iv) manutenção da referência, que diz respeito aos procedimentos utilizados para introdução, manutenção e construção dos referentes nos textos; e (v) gênero textual, que diz respeito ao reconhecimento de um gênero e seu vocabulário característico.

Para Raible (2001), as relações de sentido são de extrema importância na junção entre orações. Existem diferentes formas de expressar essas relações e o autor distingue duas estruturas de arquitetura sintática: *agregação* e *integração*. A agregação admite orações combinadas sem juntores explícitos e a integração, por sua vez, admite orações totalmente integradas em uma. Entre essas duas estruturas, que podem ser consideradas estratégias, existe uma quantidade de outras intermediárias.

O dinamismo comunicativo, um dos fundamentos básicos para a classificação de Raible, é um dos aspectos mais importantes da construção textual. Para o autor, as orações devem cumprir um papel duplo de retomar informações ou contextos precedentes e de veicular novas informações. Nesse sentido, aqueles elementos oracionais que apresentam maior dinamismo comunicativo apresentam maior dependência do contexto e trazem informações novas.

O aspecto universal da escala entre agregação e integração permite que os falantes de diferentes línguas utilizem estratégias diferentes de junção, e emergem, dessas formas de junção, uma grande quantidade de relações de sentido específicas que podem estar representadas implícita ou explicitamente (através dos juntores) na superfície do texto. Desse modo, os diferentes níveis de arquitetura sintática são possíveis pelo entrecruzamento entre as relações semânticas e a hierarquia sintática.

A Tradição Linguística ou *funcionalismo*, em linguística, considera a língua a partir do papel que a linguagem desempenha na vida das pessoas, a partir de muitos e variados tipos de demanda que são universais. Para Neves (1994), uma visão funcionalista da linguagem que a considera uma entidade não suficiente em si, contrapõe-se ao modelo que considera a linguagem independente de seu uso, como objeto autônomo.

Segundo a autora, embora os diferentes modelos se distingam, há similaridades que os unem e caracterizam a abordagem funcionalista. Não apenas o caráter funcional, como também o caráter dinâmico desses modelos, singularizam essa abordagem. Portanto, a noção de que a linguagem é um instrumento de comunicação é visível no próprio tratamento funcional da organização interna da linguagem.

3 Material e metodologia

Este artigo empreendeu uma investigação quanti-qualitativa que, de acordo com Ferraro (2012, p. 144), “simplesmente não há quantidade sem qualidade, nem qualidade sem quantidade; a unidade entre essas duas dimensões do real está em sua inseparabilidade ou exigência recíproca, não em qualquer identidade imaginária entre ambas.” O *corpus* da investigação consta de 30 textos elaborados, em um ambiente institucional, por alunos de 6º ano da rede pública de ensino. O material selecionado reúne produções textuais que abarcam os gêneros “conto de terror” (15 produções) e “artigo de opinião” (15 produções).

A proposta foi apresentada às duas salas envolvidas, com cerca de 25 alunos cada, e, nesse sentido, o critério utilizado para escolha do *corpus* coletado como alvo de análise foi de ordem aleatória, uma vez que o fenômeno envolvendo as ferramentas de encadeação linguística se manifesta em qualquer etapa de realização da linguagem, independente da proficiência e/ou

nível de repertório lexical constituído pelo sujeito. Foram feitas, em seguida, a digitação e a formatação dos textos coletados, via edição diplomática, em que se conservam todas as suas características estruturais, gráficas e linguísticas. Assim, serão respeitadas as fronteiras das palavras e de linhas, a pontuação, a acentuação, o emprego de maiúsculas e minúsculas (cf. SANTIAGO-ALMEIDA, 2009).

Em relação à metodologia de coleta do *corpus*, a primeira proposta voltou-se para a produção de um artigo de opinião, com o tema “*A influência dos youtubers no comportamento e pensamento dos jovens no Brasil*”. Foi utilizada uma aula para a realização da proposta e o professor a iniciou abordando a cultura *youtuber* no Brasil atual e questionando os alunos, através da leitura de textos modelares, sobre o significado dessa prática contemporânea de uso da linguagem para que, em seguida, eles produzissem um texto argumentativo sobre o tema.

Na segunda proposta, referente ao gênero “conto de terror”, o professor iniciou a aula contextualizando o gênero. Em seguida, os alunos fizeram a leitura compartilhada do conto modelar *Os olhos que comiam carne*, de Humberto de Campos e assistiram a um curta metragem⁴, o que lhes permitiu o uso da criatividade para elaborar um texto “assustador”.

Quanto ao método de pesquisa, foram utilizadas as análises quantitativa e qualitativa, através do levantamento das frequências *token* e *type* (BYPEE, 2003) e do estudo das relações de parentesco semântico (KORTMANN, 1997 apud LONGHIN-THOMAZI, 2011).

4 Descrição e análise de dados

A seguir, iniciamos a análise de dados. Para fins de clareza e objetividade, dividimos esta seção em duas subseções, sendo elas: 4. 1 *Um olhar para as narrativas via mecanismos de junção (MJ)* e 4. 2 *Um olhar para a argumentação via mecanismos de junção (MJ)*. Voltamos nosso foco de análise para o uso dos MJ inseridos, primeiramente, no gênero conto de terror e, posteriormente, no gênero artigo de opinião.

4. 1 *Um olhar para as narrativas via mecanismos de junção (MJ)*

A narrativa, gênero universal presente em todas as culturas, é o primeiro tipo de texto que as crianças adquirem, nesse sentido é um meio importante para o desenvolvimento da consciência metatextual. As ações do herói, nesse tipo de texto, são motivadas por um objetivo, assim, além da sucessão de eventos, o texto precisa de cadeias de causas que justifiquem as ações das personagens.

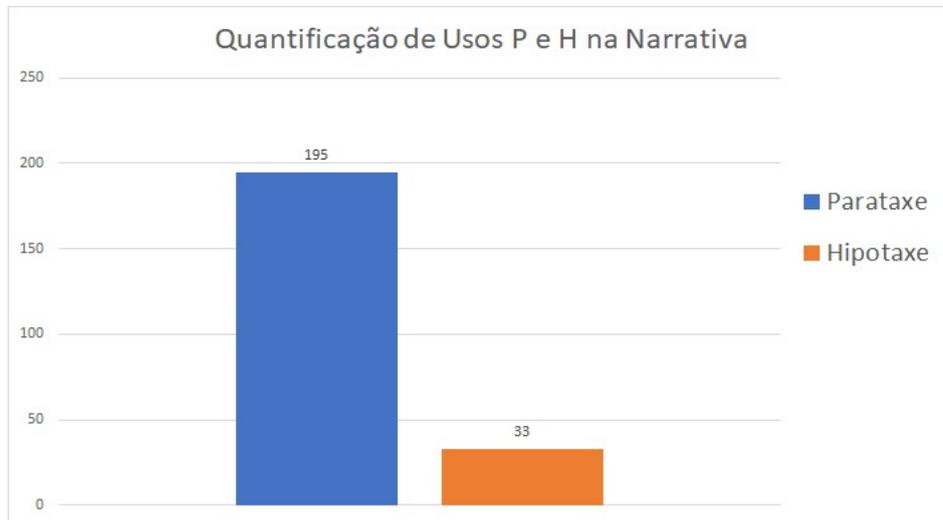
A análise quantitativa do *corpus* coletado para este trabalho permitiu perceber que, com base no ano/série dos alunos envolvidos, a ocorrência de junção com “e” e a justaposição, com diferentes acepções de sentido, são comuns nesse período da vida escolar dos escreventes. Além disso, foi possível notar que essas ocorrências deram-se, em grande parte dos casos, na parataxe.

Os Gráficos 1 e 2 mostram, respectivamente, as recorrências de parataxe e hipotaxe, nos textos narrativos, e as quantidades relativas a cada mecanismo de junção usado pelos escreventes

⁴Disponível em: <http://noitesinistra.blogspot.com.br/2013/04/conto-de-terror-os-olhos-quecomiam.html#more>. Acesso em: 03 jun. 2020.

de acordo com o critério bidimensional e revela, portanto, maior recorrência dos casos de parataxe.

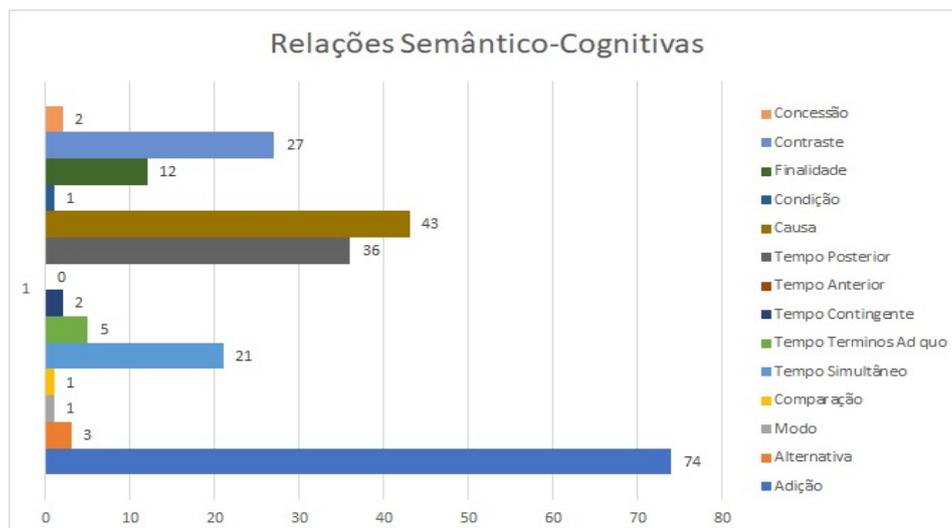
Gráfico 1: Ocorrências de Parataxe e Hipotaxe na Narrativa



Fonte: Dados da pesquisa

A leitura crítica do Gráfico 1 revela maior recorrência dos casos de parataxe, o que não pode ser associado à simplicidade. Nesse contexto de escrita, esse tipo de construção permite observar grande influência de práticas informais de letramento que ocorrem, principalmente, desde os primeiros momentos de contato dos escreventes com o mundo letrado.

Gráfico 2: Relações semântico-cognitivas



Fonte: Dados da pesquisa

É possível notar, a partir da leitura analítica dos gráficos, que, além da maior ocorrência dos enunciados construídos por parataxe, a justaposição e a junção com o mecanismo “e” aparecem em todos os textos produzidos para este trabalho. Porém, diferentemente da

simplicidade associada a essas estruturas, nota-se que essa opção aponta para situações concretas de enunciação, pois os escreventes, nessa idade, imprimem, na escrita, suas experiências com as tradições da oralidade. Esses mecanismos de junção apontam, no que diz respeito às relações de sentido, para a maior recorrência das acepções de adição, causa e tempo posterior, relações de sentido essas que são comuns nos textos narrativos até mesmo de escreventes com maior nível de letramento. A justaposição, no entanto, mostra a grande diversidade de sentidos explorados por esses alunos, mesmo sem a utilização de mecanismos comuns na gramática tradicional.

Excerto 1: Texto do escrevente 1 “O menino que passou mal na sua casa”

*Era uma vez, um menino muito desobediente: que só jingava a sua mãe pai e irmãos, um dia ele sai sozinho com o seu amigo, **para** resolver uma coisa na sua escola, **Ø** saio da escola **Ø** deceu a rua **Ø** ouviu uma coisa muito estranha, que parecia **como** raspando o pé e assuviando, e **ai** falou ué o que isso estranho, e o amigo sim, **Ø** continuo sua caminhada andando, **andando**. **Ø** jegou em outra esquina ouviu novamente o baruco e falou para seu amigo mano estou ficando com medo, estava andando **ai** jegou perto da sua casa na pista Skte, **Ø** ouvi novamente esse barulho raspando e Pe e assuviando, **jegando** no portão de sua com muito medo, **Ø** ouvi novamente e **ai** começou, chorar, com muito medo, **falando** que dessa vez era do seu lado com muito medo, **Ø** jegou na porta dos fundos ouvi novamente o barulho atrás dele, e começou chorar, muito, muito, **Ø** começou a chamar sua mãe e sua mãe o que foi o que foi, **Ø** mãe, mãe, tem alguma coisa muito estranha, **Ø** vamos dormir **Ø** não, você vai dormir certo, **Ø** pode rezar todo dia, **Ø** rezou Ave Maria, Pai Nosso e outras rezas **Ø** rezou, **Ø** rezou e nunca mai aconteceu isso, e ele falou grasas a Deus.*

Fonte: Dados da pesquisa

Neste texto, por exemplo, as sequências paratáticas justapostas aparecem com frequência e, no entanto, as acepções de sentido são diversas:

Excerto 2: Recortes do texto “O menino que passou mal na sua casa”

Fragmento 1 “[...] **Ø** saio da escola **Ø** deceu a rua **Ø** ouviu uma coisa muito estranha [...]”
Fragmento 2 “[...] **Ø** continuo sua caminhada andando, andando [...]”
Fragmento 3 “[...] **Ø** jegou em outra esquina **Ø** ouviu novamente o baruco e falou para seu amigo mano estou ficando com medo [...]”
Fragmento 4 “[...] **Ø** começou a chamar sua mãe e sua mãe o que foi o que foi, mãe, mãe, tem alguma coisa muito estranha [...]”
Fragmento 5 “[...] **Ø** rezou Ave Maria, Pai Nosso e outras rezas **Ø** rezou, **Ø** rezou e nunca mai aconteceu isso, e ele falou grasas a Deus.[...]”
Fragmento 6 “[...] **Ø** saio da escola **Ø** deceu a rua **Ø** ouviu uma coisa muito estranha[...]
Fragmento 7 “[...] **Ø** jegou em outra esquina **Ø** ouviu novamente o baruco e falou para seu amigo mano estou ficando com medo[...]
Fragmento 8 “[...] **Ø** ouvi novamente esse barulho raspando[...]
Fragmento 9 “[...] **Ø** jegou na porta dos fundos ouvi novamente o barulho atrás dele, e começou chorar, muito, muito[...]”

Fonte: Dados da pesquisa

Nas construções paratáticas dos Fragmentos 1, 2, 3, 4 e 5, a justaposição permite a aceção de tempo posterior, por exemplo. Já nos Fragmentos 6, 7, 8 e 9, ela permite inferir a aceção de tempo simultâneo, sendo parafraseável por “quando chegou em outra esquina, ouviu o barulho”.

Nesse mesmo texto, o Escrevente 1 faz uso, também, do gerúndio, em diversas situações, para construir diferentes aceções de sentido. Em “**Ø** continuo sua caminhada **andando, andando...**”, construção hipotática, os gerúndios “andando, andando” assumem valor semântico de tempo posterior. Já em “**jegando** no portão de sua com muito medo, ouviu novamente e aí começou, chorar, com muito medo, falando que dessa vez era do seu lado com muito medo”, o gerúndio permite inferir a aceção de tempo simultâneo.

Para o escrevente de número 15, no que se refere ao gênero conto de terror, observamos que a ausência de mecanismos de junção em alguns pontos do texto não comprometeu o encadeamento lógico e/ou semântico entre os períodos. Pelo contrário, o que notamos, na verdade, foi que a presença apenas das vírgulas assegurou aos períodos a fluidez e todo caráter dinâmico requeridos pelo gênero solicitado na produção escrita.

Excerto 3: Texto do escrevente 15 “A casa sangrenta”

*Era uma vez uma casa que se encontrava no século X em uma floresta **Ø** as pessoas daquela época falavam que a casa era mal assombrada **pois** algumas pessoas afirmavam que nas noites de lua cheia elas escutavam gritos vindo da casa e sangue que escorre pela porta e pelas janelas **entam** as pessoas a batisaram de La casa sangrienta que em portugues e a casa sangrenta, passou X séculos e no século XX no ano de 2002 um grupode jovens Kaique, gabi, Alan, bia estavam andando de carro **mas** o carro parou no meio da floresta **Ø** eles foram ate o meio da florestas em busca de ajuda **Ø** eles acharam uma casa e na esperansa de morrer alguém na casa **Ø** eles entraram **quando** eles pisaram o pe dentro da casa pou!*

***Ø**A porta da casa fechou e eles ficaram presos Gabi e Allan foram os mais firmes já Kaique e Bia ficaram com medo de morrer **Ø** ele acharam um cadáver de uma pessoa **mas** ainda estava sangrando e em baixo estava escrito uma frase saia sangue comesou a alimentar e sufocar eles, **mas** tiveram uma idéia eles com os pés abriram a porta e saíram **Ø** eles avisaram para as pessoas derubaram a casa que estava posuida as pessoas pessoas derubaram a casa e construíram um hospital e **depois de** um tempo apagões acontecem e pessoas e médicos somem e aparece feita de sangue a primeira frase foi a maldição voltou todos vam morrer, e a casa sangrenta voltou **mas** dessa vez e o hospital sangrento.*

*É o fim **ou** apenas o comesso!!*

Fonte: Dados da pesquisa

Nos fragmentos abaixo, comprovamos também que das 6 ocorrências do mecanismo **Ø**, 5 delas estabeleceram relação de causa e 1 apenas foi utilizada para transmitir ideia de tempo simultâneo.

Excerto 4: Recortes do texto “A casa sangrenta”

Fragmento 1: [...] estavam andando de carro mas o carro parou no meio da floresta *Ø* eles foram ate o meio da florestas em busca de ajuda *Ø* eles acharam uma casa e na esperansa de morrer alguém na casa *Ø* eles entraram quando eles pisaram o pe dentro da casa pou!

Fragmento 2: *Ø* A porta da casa fechou [...]

Fragmento 3: [...] *Ø* eles avisaram para as pessoas derubaram a casa **que** estava possuída [...]

Fragmento 4: [...] foi a maldição voltou *Ø* todos vam morrer [...]

Fonte: Dados da pesquisa

O fragmento 2 demonstra a relação estabelecida entre parágrafos na sucessão lógica de encadeamento, pois só se percebe a simultaneidade das ações de “pisar” e “fechar” quando articulamos os acontecimentos numa teia de fatos que se inter-relacionam no fluxo textual. Entretanto, a tessitura das partes estabelece a relação necessária entre elas, mesmo não havendo um conector explícito para relacioná-los e constituir a concomitância dos acontecimentos.

Já as relações de causa, mesmo não fazendo uso de mecanismos de junção, aparecem entrelaçadas no interior do parágrafo, de modo que do ponto de vista lógico e semântico constituem o acarretamento e sucessão de fatos que ajudam, não apenas na progressão da sequência narrativa, como também na formação do clímax, elemento característico e indispensável do gênero conto de terror.

Ainda no conto de terror, constatamos um número relevante para aquilo que optamos por denominar de “uso associado” de conectores. Estas ocorrências, muito comuns na linguagem oral, são evidenciadas quando dois mecanismos de junção aparecem dispostos lado a lado. Nesse contexto, ambos estabelecem relação complementar, sendo que um deles, em razão de sua carga semântica, sobrepõe-se ao outro. Veja abaixo:

Excerto 5: Recortes do texto “A casa sangrenta”

Fragmento 5: **E então** José falou espera i eu já vou so tou carregando a cartucheira [...]

Fragmento 6: [...] a chuva fou aumentando **e então** acharam uma casinha pequena e assombrada [...]

Fragmento 7: [...] **e então** entraram lá [...]

Fragmento 8: [...] **mais** (mas) **mesmo assim** Bruno não estava satisfeito [...]

Fragmento 9: [...] **e então** encontrarm uma escadinha [...]

Fragmento 10: [...] **e quando** chegaram lá em baixo eles viram a velha Ana Luzia [...]

Fragmento 11: [...] **e então** José com sua curiosidade perguntou o que faz ai velha Luzia [...]

Fragmento 12: [...] **e então** ceguiu caminho para casa novamente [...]

Fragmento 13: [...] **e porquê** tanto dentro quanto fora era assustadora [...]

Fonte: Dados da pesquisa

Nas ocorrências supracitadas de autoria do escrevente 14, houve um número expressivo para o uso dos mecanismos de junção associados. Os exemplos transcritos apontam com propriedade a sobreposição semântica de um conector em relação ao outro. O interessante, nestes casos, é a presença, na maioria das vezes, do “e”, elemento de encadeação típico da oralidade, que associado a outro conector perde sua carga semântica em virtude do grau de complexidade daquele com o qual se vincula.

Dessa forma, observamos que para todos os exemplos acima, exceto para o fragmento 8, o “e”, em associação a outros mecanismos de junção, estabeleceu para o contexto ideia de causa, sendo esta a relação mais complexa e de maior valor semântico-ideológico, portanto, sua carga se sobrepõe. O mesmo acontece com o “mas” que diante do “mesmo assim” assume apenas papel de realce como se fosse uma partícula complementar de apoio à ideia que se pretende estabelecer, no entanto sem carga/valor suficiente para se sobrepor à complexidade do conector a que se associa.

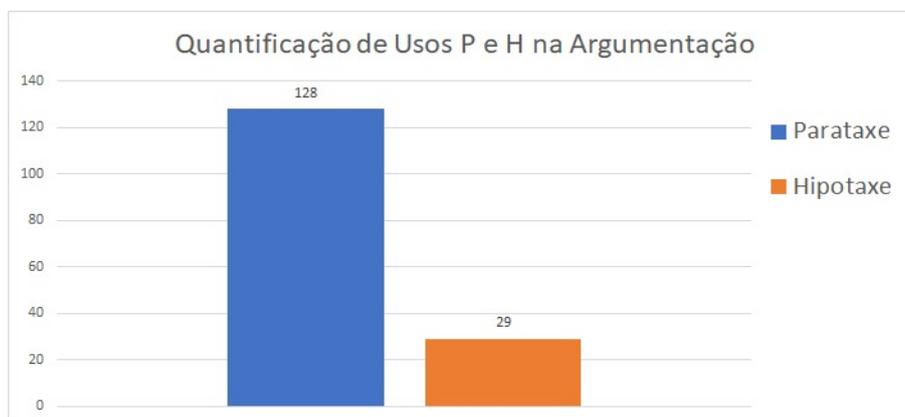
Casos como esses são comuns também na linguagem escrita, contudo notamos que a gramática normativa pouco reconhece ou valoriza a ocorrência desse fenômeno. Retirar o conector de menor complexidade como forma de “higienizar” o texto é o mesmo que descaracterizar a linguagem do sujeito discursivo que, para o gênero em questão, optou por associar os conectores como recurso expressivo dentro daquilo que ele, enquanto agente e produtor do texto, pretende. Não se trata de aceitar toda e qualquer construção linguística, mas, sim, de reconhecer a linguagem como estrutura viva e capaz de produzir sentidos lançando mão dos inúmeros recursos que lhe são permitidos.

4.2 Um olhar para a argumentação via mecanismos de junção (MJ)

No gênero artigo de opinião, os MJ aparecem para estabelecer relações mais complexas entre os períodos e/ou orações. As construções contrastivas foram utilizadas em larga escala como forma de promover o confronto das ideias e, assim, construírem uma argumentação em que se explicitam os dois lados do assunto controverso solicitado pela comanda.

Os Gráficos 3 e 4 mostram, respectivamente, as recorrências de parataxe e hipotaxe, nos textos argumentativos, e as quantidades relativas a cada mecanismo de junção usado pelos escreventes de acordo com o critério bidimensional.

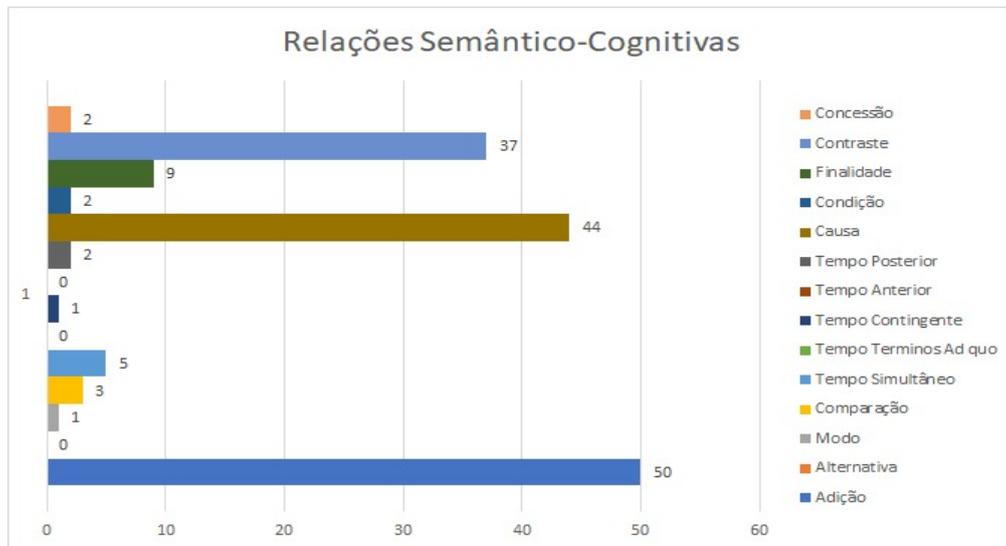
Gráfico 3: Ocorrências de Parataxe e Hipotaxe na Argumentação



Fonte: Dados da pesquisa

A leitura crítica do Gráfico 3 revela maior recorrência dos casos de parataxe também nos textos argumentativos, o que não pode ser associado à simplicidade. Nesse contexto de escrita, esse tipo de construção permite observar grande influência de práticas informais de letramento que ocorrem, principalmente, desde os primeiros momentos de contato dos escreventes com o mundo letrado, como citado anteriormente.

Gráfico 4: Relações semântico-cognitivas



Fonte: Dados da pesquisa

Além das relações contrastivas, comuns nesse tipo de texto, as relações de adição e causalidade apareceram em larga escala. Essas relações se dão muito além dos conectivos considerados adversativos e aditivos da gramática tradicional: os escreventes utilizam diferentes maneiras de estabelecer essas relações, confirmando a hipótese de que, ao contrário do que se considera, a escrita infantil é complexa.

Excerto 6: Texto do escrevente 14 “O youtubers favorito”

A maioria das pessoas tem um youtuber predileto como Whinderson Nunes, Dani Russo, Rezendevil etc...*Ø* Outras pessoas acham que certos youtubers não presta **por conta de** certas coisas desnecessárias que aposta em redes sociais.

Mas pelo lado bom tem muitas coisas interessante pra tanto mulheres quanto homens, receitas, **aprender** maquiagem, **fazer** embaixadinhas, **ser** organizadas na escola, e tudo mais.

Como Felipe Neto tem mais de 29 milhões de inscrito e muitos youtubers, ganham dinheiro **por conta de** visualizações e like. A Dani Ruso tem 10 milhões de visualizações,*Ø* eles são os melhores youtubers na minha opinião e também minha vó gosta de assistir as receitas de uma senhora.

Fonte: Dados da pesquisa

Excerto 7: Recortes do texto “O youtubers favorito”

Fragmento 14: “*Ø* Outras pessoas acham que certos youtubers não presta **por conta de** certas coisas desnecessárias que aposta em redes sociais.”

Fragmento 15: “*Mas* pelo lado bom tem muitas coisas interessante pra tanto mulheres quanto homens [...]”

Fragmento 16: “*Como* Felipe Neto tem mais de 29 milhões de inscrito e muitos youtubers, *Ø* ganham dinheiro [...]”

Fonte: Dados da pesquisa

Como se pode notar, o escrevente número 14 construiu sua argumentação a partir dos mecanismos de junção que pudessem revelar ao leitor os “prós” e os “contras” da questão. No entanto, observamos que, na maioria das vezes, optou por encadear na mesma sequência discursiva uma ideia de causa para complementar seu raciocínio para fins de persuasão.

Sendo assim, os enunciados embora possuam outras falhas de natureza linguística para o nível da coesão, a lógica interna de articulação para construir argumentação ocorreu perfeitamente. Outro aspecto relevante é o teor da comanda que atrelado ao gênero pedido requer dos escreventes uma categoria específica de conectores, no caso os de natureza contrastiva e/ou causal.

5 Considerações finais

A descrição e a análise dos mecanismos de junção, empregados em textos narrativos e argumentativos de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II, evidenciaram que, ao fazerem suas escolhas, as crianças deixam, em sua escrita, pistas da complexidade associada à influência da oralidade.

O enfoque na análise quantitativa e qualitativa dos mecanismos de junção mostrou que os casos de justaposição por parataxe, nesse contexto de escrita, são mais comuns e permitem uma grande diversidade de acepções de sentido. Esse resultado permite notar a complexidade desse tipo de construção e sua importância, uma vez que o modo escrito de enunciação pode revelar-se em diferentes textos, ora a partir de diferentes bases semióticas (o som ou o gráfico), ora a partir da escrita institucionalizada e ora a partir das experiências da oralidade, assim como mostram os estudos em Lopes-Damasio (2014).

O uso de diferentes juntores associados ao conectivo “e”, por exemplo, é um importante indício da influência da oralidade na escrita infantil. Ao fazer essa associação, a criança revela o contato que já teve, tanto com a narração, quanto com a argumentação, em práticas letradas orais e informais.

Nesse sentido, embora algumas relações específicas sejam mais recorrentes em determinados tipos de texto, como as relações de adição, causa e tempo nos textos narrativos, e as de adição, causalidade e contraste nos textos argumentativos, outras relações aparecem indicando a complexidade da escrita infantil e indicando, também, o papel das práticas letradas formais e informais na constituição do sujeito como escrevente.

Referências

- BALLY, C. *Linguistique générale et linguistique française*. 4 ed. Berne: Francke, 1965.
- BYPEE, J. Mechanisms of changes in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEF, B.; JANDA, R. (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Blackwell Publishing, 2003.
- CARVALHO, C. S. Processos sintáticos de articulação de orações: algumas abordagens funcionalistas. *VEREDAS Rev. Est. Ling.*, Juiz de Fora, v. 8, n. 1 e n. 2, pp. 9-27, jan./dez. 2004.
- FERRARO, A. R. Quantidade e qualidade na pesquisa em educação, na perspectiva da dialética marxista. *Pro-Posições*, Campinas, v. 23, n. 1 (67), pp. 129-146, jan./abr. 2012.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University, 1993.
- KABATEK, J. *Tradição discursiva e mudança linguística*. São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.romling.uni-tuebingen.de/discurso/itaparica.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2020.
- LONGHIN-THOMAZI, S. R. Uma proposta semântica para a combinação de orações: resgatando os critérios de Bally. *ANPOLL*, n. 16, pp. 321-348, jan./jun. 2004.
- LONGHIN-THOMAZI, S. R. Junção e(m) aquisição: aspectos morfossintáticos e cognitivos. *GRAGOATÁ*. Niterói, n. 30, pp. 221-238, 1. sem. 2011.
- LOPES-DAMASIO, L. R. Junção em contexto de aquisição de escrita: uma abordagem das tradições discursivas. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 43 (3): pp. 1371-1386, set-dez 2014.
- NEVES, M. H. M. Conectar significados. Ou: A formação de enunciados complexos. In: NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2010.
- NEVES, M. H. M. Uma visão geral da gramática funcional. *Alfa*, 38, São Paulo, 1994, pp. 109-127.
- RAIBLE, W. Linking clauses. In: HASPELMATH, M. et al. (ed.). *Language typology and language universals: an international handbook*. Berlin: Walter de Gruyter, 2001.
- SANTIAGO-ALMEIDA, M. M. Os manuscritos e impressos antigos: a via filológica. In: GIL, B. D.; CARDOSO, E. A.; CONDÉ, V. G. (org.). *Modelos de análise linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

Recebido em: 15/03/2021

Aceito em: 07/07/2021